

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

**O PROCESSO DE LEITURA:  
DAS NARRATIVAS LITERÁRIAS  
ÀS ADAPTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS**

Maribel Barbosa da Cunha<sup>i</sup> (UNISUL/IFC-Concórdia)

**1. INTRODUÇÃO**

Muitas vezes, a adaptação cinematográfica exerce uma relação de substituição – da narrativa fílmica em detrimento da narrativa literária – e também, uma relação de espelhamento, pois se tende a buscar correspondências e discrepâncias nos dois modos de organizar os eventos narrativos, ou seja, sob o viés da narrativa presente no filme e da narrativa presente no livro.

Como professora da rede pública estadual de Santa Catarina, lecionando a disciplina de Língua Portuguesa e Literatura para o Ensino Médio, inquietou-me no trabalho com a Literatura Brasileira a relação estabelecida entre a leitura do texto literário e sua adaptação cinematográfica, já que o trabalho desenvolvido com livros e suas respectivas adaptações literárias cinematográficas ainda é embrionário. Isso acontece porque ainda tem-se a necessidade de ver na tela os mesmos elementos que o livro literário possui; não os possuindo, não é considerada uma “boa adaptação” e, portanto, não serve aos alunos, uma vez que gerará confusão neles.

Dessa forma, Silva (2007a) afirma que se utilizar do cinema pode ser um dos caminhos de reflexão crítica do pensamento em construção, ver o cinema como meio de comunicação pode auxiliar os alunos a exporem suas ideias, seus conflitos, ajuda-os a, então, organizar valores para a própria formação humana. Urge que a adaptação cinematográfica não seja apenas vista como um recurso sem estratégia, que esgota os alunos em sessões que têm a finalidade de suprir ausências de professores ou substituir

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
***Leituras jovens do mundo***

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

atividades. Para isso é necessário desenvolver trabalhos científicos e metodológicos que primem e voltem suas atenções para esse campo.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O cinema teve sua origem na França, quando os irmãos Auguste e Louis Lumière conseguiram gravar imagens em movimento sobre uma película e depois reproduzi-la. Conforme explica Napolitano (2008, p. 56) “seja qual for o uso ou a abordagem do filme na sala de aula, é importante que o professor conheça alguns elementos de linguagem e história do cinema [...]”. É visto que há uma preocupação em se saber onde, como e por que surgiu o cinema, já que essa historicização é importante para o professor e de grande valia para o aluno, pois situa o mesmo no universo do cinema.

A princípio as imagens eram mudas e a sonorização somente juntou-se à imagem depois de vinte e cinco anos. A possibilidade de ilusão e fantasia fez com que as imagens se desenvolvessem criando uma forma própria de se expressar: a linguagem cinematográfica. Confirmando o exposto, Tamaru (1997, p. 29) enfatiza que “Podemos então pensar que a visão e a audição são sentidos do homem, que permitem apreender o cinema enquanto sons e imagens projetadas na tela. A imagem e o som constituem a linguagem cinematográfica”. Os sentidos, tais como: cheirar, ver, tocar, degustar, ouvir, estão presentes na literatura através de palavras, já no cinema, apenas vemos e ouvimos, mas o diretor pode com apenas dois sentidos representar e fazer-nos sentir o gosto, o cheiro e até mesmo um toque. (TAMARU, 1997).

A linguagem cinematográfica é formada por um conjunto de técnicas, imagens, sons, cores, luz, movimentos, que produzem no espectador o desejo de buscar uma significação para aquilo que está diante dos olhos. Já para Silva (2007a, p. 2), trabalhar com o cinema, com a linguagem cinematográfica, é viabilizar o encontro da cultura, da estética, do lazer, da ideologia, dos valores sociais; partindo da reflexão do ontem e do hoje. O cinema fala por meio de sua linguagem específica. É como se o cinema tivesse

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
***Leituras jovens do mundo***

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
***Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.***

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

uma sintaxe que se cristaliza pelo relacionamento dos planos, cenas, sequências, sons. Assim como na literatura o escritor se expressa por um conjunto de palavras que formam frases, orações e períodos. Ou então, segundo Giacometti (2008, p. 112) “A literatura se firma em forma de palavra escrita, enquanto em uma composição fílmica, a imagem se sustenta em vários elementos entre os quais o enquadramento, a trilha sonora e os diálogos, o plano, a perspectiva, a iluminação, a montagem e tantos outros recursos técnicos”.

Furtado (2003, p. 2) ainda acrescenta:

A linguagem cinematográfica [...] não é só literatura. Ele mistura fotografia, teatro, música, dança, pintura e literatura, criando a sua própria linguagem, que está em constante transformação, como qualquer linguagem. Muitos outros elementos, não presentes na literatura, são utilizados pela linguagem do cinema, como os movimentos de câmera, os enquadramentos, a música, a cor e a luz. Cabe ao roteirista agregar esses elementos ao filme de modo a ser fiel - ou não - ao espírito do texto.

Entende-se então, que a leitura não se encontra somente no livro, o filme em si faz apelo à capacidade de o espectador ler a imagem e o seu discurso. Para a leitura cinematográfica, supõe-se interpretar o ato de ler como o desejo de dar significação ao conjunto de todas essas técnicas que compõem a linguagem cinematográfica. Na verdade, acrescenta Avellar (2007, p. 45) que a leitura de um filme “vai além da superfície do texto, além do que nele se pode ver e ler. Vai ao invisível do texto [...]”. Podemos até nos perguntar de que modo podemos pensar em algo visível aos nossos olhos, porém, para fazer sentido ter-se-ia que avançar ao campo invisível.

A linguagem cinematográfica vai além daquilo que podemos ver e só é completa se acionamos aquilo que está implícito aos olhos, a leitura prévia. O processo de leitura requer um conhecimento anterior do que se está assistindo, que é a compreensão do conteúdo. Atualmente, saber ler um filme – fazer a leitura de um filme – pode ser tão fundamental como ler um texto escrito.

Desse modo, percebe-se que quando se fala em leitura do cinema, há que se considerar uma leitura criteriosa que permita analisar não só as imagens sequenciais ou

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
***Leituras jovens do mundo***

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
***Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.***

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

sonoras, mas sua disposição, a concatenação entre elas, a música, a maneira de filmar – como a cena foi construída, como os personagens estão dispostos. E como artes, convergentes e divergentes, a literatura e o cinema carecem de um leitor, assim também, propagando-se a extrema importância da existência de um espectador.

Este espectador/leitor é aquele que preenche os vazios da narrativa, seja ela literária ou cinematográfica, é ele que faz uma segunda interpretação, que constitui a condição elementar da comunicação, ou seja, é oportunizado a ele participar da produção dos significados. Neste sentido, ao preencher essas lacunas em um filme, o espectador compartilha da sua imaginação, tornando mais flexível sua subjetividade; essa combinação de fatores é que fundamenta a obra, criando caminhos para novas interpretações.

Sob esse mesmo viés, Furtado (2003, p. 6) enfatiza que “As narrativas audiovisuais, por melhores que sejam, não substituem a importância e o prazer da leitura. Só a leitura produz escritores e só a leitura produz bons cineastas. O cinema e a televisão criam imagens, a leitura cria imaginação”. Nesse excerto, vemos que Furtado (2003) supervaloriza a leitura em detrimento do cinema. Sabemos que a leitura possui grande importância no cenário intelectual de qualquer indivíduo e sobrecarrega sobre toda sua formação, porém, não podemos pecar em dizer que um é melhor que o outro, ou seja, que o cinema traz as imagens prontas e a leitura cria imaginação. Como já discorrido acima, atualmente saber ler o que as imagens trazem, influir sobre o que se está mostrando é tão relevante como ler um livro e imaginar suas cenas; partimos da concepção de que nada está pronto e acabado, todas as artes necessitam de um novo olhar, pois não estão finalizadas, e é por essa razão que se chamam artes, porque não são autônomas, são todas dependentes do olhar de outrem.

Com isso, Miller (1987) confirma o exposto dizendo ser nossa cultura, atualmente, a cultura do cinema, da televisão, da música, do celular, da tecnologia, mas em última instância, uma cultura do livro. Bentes (1998, p. 1) também justifica que “Hoje, segmentos inteiros da sociedade têm no rádio, nas narrativas radiofônicas e no audiovisual, nas informações vindas da TV, no folheto eletrônico, a sua fonte principal

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
***Leituras jovens do mundo***

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
***Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.***

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

de educação e formação”. Então, percebemos que quando partimos a falar sobre o papel do avanço tecnológico, não se está menosprezando ou anulando o processo de leitura, mas estamos pondo em questão que ler uma narrativa audiovisual é tão importante quanto ler a narrativa escrita.

Apresentar ao jovem um livro literário, numa época em que os multimeios atingem praticamente metade da população, desvela a impotência do professor frente à avalanche de informações e facilidades que a internet (e outros meios digitais) proporciona aos seus internautas. Nesse sentido, Silva (2007a) afirma que estamos no século XXI e a era da informação é um fato consumado, pois a mídia tem exercido grande influência no processo de formação humana. Concretizando essa ideia, pensemos na evolução que sofreram as salas de cinema, que não é mais o espaço onde o filme reina; hoje a veiculação de filmes em mp3, iPod computadores e aparelhos celulares, desmistificou aquela figura clássica de que o cinema só é concreto em salas amplas com um número considerável de pessoas.

A literatura, assim como o cinema, são resultados da visão particular do autor/roteirista que expressa suas concepções, seu modo de ver. Toda a sua subjetividade está inserida nessas artes. É ele quem rejeita e recorta de sua obra ainda maciça tudo o que nela sobra, esculpindo-a até chegar ao fim de lapidação.

Por isso, Necchi apud Santos (2009, p. 272) corrobora, dizendo que,

Livros e filmes são diferentes por natureza, mas a distinção acaba sublimada pelo público em geral quando um livro é o ponto de partida de uma produção audiovisual. Compreensível que se façam comparações, afinal, trata-se da mesma história, e os juízos mais diversos tentam arbitrar qual o melhor entre os dois. Quase sempre leitores apontam a superioridade do livro em relação ao filme, mas a comparação raia o insólito porque se tratam de obras díspares. Como letras impressas e imagens em movimento apresentam linguagens e gramáticas próprias, não há parâmetros de comparação. O que aproxima livros e filmes é a história em si – enredo, personagens, cenários, diálogos, tramas -, mas quase sempre a publicação dispõe de mais espaço para aprofundar esses elementos. Portanto, soa quase ingênuo afirmar preferência pelo livro alegando que nele a história se processa de maneira ampliada.

Assim, pelas ideias contidas no discurso de Necchi apud Santos (2009), comparar livro e filme é inevitável, porém, pensar no livro como obra superior ao filme

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
***Leituras jovens do mundo***

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
***Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.***

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

não faz sentido, pois se tratam de obras ímpares, que trabalham com recursos diferentes. A diferença mais evidente é que na linguagem audiovisual toda a informação deve ser visível ou audível, sabemos que isso é óbvio, mas quem faz o roteiro sabe como é difícil evitar a tentação de escrever: João acorda e lembra Maria; isso é muito fácil escrever e muito difícil de filmar. Palavras como pensa, lembra, esquece, sente, quer ou percebe, presentes nos livros, são proibidas para o roteirista, já que o mesmo só pode escrever o que é visível. (FURTADO, 2003, p. 1).

Assim, Avellar (2007, p. 8) supõe que para compreendermos melhor o entrelaçamento entre o cinema e a literatura, e não se faça confusão entre essas duas artes, talvez seja possível imaginarmos um processo em que, os filmes buscam nos livros temas e modos de narrar que os livros apanharam em filmes; em que os escritores apanham nos filmes e que os cineastas foram buscar nos livros; em que os filmes tiram da literatura o que ela tirou do cinema; em que os livros voltam aos filmes e os filmes aos livros numa conversa jamais interrompida.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Assim como propõe Stam (2008), a intertextualidade nos ajudaria a transcender as aporias da fidelidade, e Pedro (2009) justifica ainda que a discussão sobre adaptações de obras literárias em realizações cinematográficas já passou da fidelidade ou traição para uma discussão menos valorativa. Isso significa uma focalização no estudo da intertextualidade entre a adaptação cinematográfica e o livro original. Entendemos intertextualidade, na constituição da própria palavra, como uma relação entre textos. Cada texto estabelece uma proposta de significação que não está inteiramente construída. (GIACOMETTI, 2008).

Dessa forma, ver textos fílmicos e literários como produtos de um diálogo infundável, seria a melhor proposta que Stam (2008) apresenta em seus estudos sobre a adaptação literária cinematográfica.

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
***Leituras jovens do mundo***

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

**Referências**

AVELLAR, José Carlos. **O chão da palavra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

BENTES, Ivana. **A universidade concorre com a mídia**. Revista Lumina da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (Facom/UFJF), v.1, n.1, p.77-84, jul/dez. 1998.

FURTADO, Jorge. **A adaptação literária para cinema e televisão**. Palestra na 10ª Jornada Nacional de Literatura, Passo Fundo/RS. 29/08/2003.

GIACOMETTI, Marilene Volpon. **Tradução fílmica do conto “Au bord du lit” de Guy de Maupassant**. 2008. 200f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) – Curso de Pós-graduação em Letras na área de Língua e Literatura Francesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MILLER, Hillis. **Presidential adress 1986: the triumph of theory, the resistance to reading, and the question of the material base**. PMLA, n. 102, 1987.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PEDRO, Elisandra de Souza. **Estratégias narrativas em O tambor: o diálogo entre a literatura e o cinema**. 2009. 137f. Dissertação (Mestrado em Letras na área de Língua e Literatura Alemã) – Curso de Pós-graduação em Letras na área de Língua e Literatura Alemã, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SILVA, Beatriz Nunes Santos e. **Cinema e formação: um repensar de ações pedagógicas**. Anais da ALB (Associação de Leitura do Brasil), 16o COLE (Congresso de Leitura do Brasil), Uberlândia, 2007a. Disponível em:  
<[http://www.alb.com.br/anais16/sem05pdf/sm05ss04\\_07.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem05pdf/sm05ss04_07.pdf)> Acesso em: 11 jan. 2010.

SOARES, Claudia Campos. **Tensões no corpo fechado do Mutum**. In: BASTOS, Alcmeno et al. Estudos de Literatura Brasileira. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008.

STAM, Robert. **Literatura através do cinema: realismo, magia, e arte da adaptação**. Tradução de Marie-Anne Kremer e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

TAMARU, Ângela Harumi. **Descrição e movimento: imagens descritivas no cinema e na literatura**. 1997. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-graduação em Educação na área de concentração: Metodologia de Ensino, Universidade

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

---

<sup>i</sup> (Mestre em Ciências da Linguagem, UNISUL/IFC-Concórdia, Brasil)  
E-mail: maribel.cunha@ifc-concordia.edu.br